



Rios IC, Schraiber LB. **Humanização e Humanidades em Medicina.** São Paulo: Editora Unesp; 2012.

André Mota^(a)

O trabalho empreendido por Izabel Cristina Rios e Lilia Blima Schraiber nesse *Humanização e humanidades em medicina* (Unesp, 2012) é a expressão pragmática e objetiva da reflexão sobre a atual formação dos médicos, desde os bancos escolares, quando se encontram o estudante de medicina e seu professor, até um novo encontro em outra cena: ainda como aprendizado, mas, agora, da experiência clínica adquirida em unidades hospitalares e de saúde, pela relação entre o professor-médico e seu estudante-aprendiz.

Esse estudo estrutura-se pela atualização dos conhecimentos em torno do que se entende, no mundo contemporâneo, por *humanização e humanidades* no ensino da Medicina, de um mergulho no cotidiano clínico e no da sala de aula dos agentes envolvidos. Contempla, ainda, os espaços em que o tema se faz presente – ou ausente –, mas não entendido como uma cisão de vozes, e sim pela conversa, e, por isso, por aproximações ou diferenças, exigindo, do leitor, a acuidade de desvendar as entrelinhas das histórias referidas. Finalmente, o livro propõe que se retome um diálogo em que caibam as intersubjetividades como valor formador.

Isso porque esses espaços de comunicação e do que suas linguagens representam entre o intelectual e o prático se mostram como um veio de rio pouco explorado, pois a riqueza das narrativas vivenciadas dá uma visão bastante original dos constituintes elementos curriculares, relacionais e identitários capazes de forjar uma cultura médica universitária nos dias atuais.

Quanto ao processo histórico no qual a profissão médica, a partir do século XIX, conseguiu conquistar autonomia, passando a ser a única atividade no mundo do trabalho capaz de determinar se alguém está doente ou não, quais e como os serviços ao paciente devem ser organizados e apresentados, aqui se discute como as origens sociais da soberania profissional médica converteram a autoridade médica em privilégio social, mostrando que esse caminho não foi linear ou progressivo, mas, ao contrário, eivado de contratempos, sempre ligados a contextos específicos, em momentos históricos bem definidos também nos bancos escolares.

Em meio à exacerbação de uma sociedade centrada na figura do Eu, condição *si ne qua non* para se compreenderem as falas analisadas aqui, ganha singularidade uma outra

¹ Museu Histórico Prof. Carlos da Silva Lacaz, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo. Av. Dr. Arnaldo, 455, 4º andar, Cerqueira Cesar. São Paulo, SP, Brasil. 01246-903. andremota13@gmail.com

identidade, que é a do Eu-médico, simbolizada por imagens espelhadas entre seus próprios iguais, mas, também, pela diferenciação reiterada em todas as cenas formadoras, quando, todos articulados, médicos, professores e alunos, deslizam por experiências que nos levam a uma compreensão mais complexa dos modos e dos tempos que envolvem aquele que ensina e aquele que aprende, num franco desmentido de uma história da medicina supostamente “evolutiva”, edificada por tecnologias consideradas neutras e homens considerados iluminados.

Outra reflexão tange à formação dos professores, já que, embora passem ao largo da pedagogia e da didática, os diplomas de pós-graduação, muitas vezes, conferem – “naturalmente” – ao pesquisador um lugar de “professor”. Isso revela uma visão distorcida do ensino e do domínio de seus conteúdos – que são conhecimentos de naturezas distintas – e, assim, a persistência da concepção hegemônica “tradicional” de uma pedagogia da transmissão, da prática pedagógica centrada no docente, bem como na aquisição de conhecimentos desvinculados da realidade. O livro mostra que o equívoco deságua num certo “naufrágio da ilusão”, pois o sentido de superioridade didático-acadêmica, de um lado, salvaguarda a hierarquia em sua forma de inteligência, mas, por outro, impõe graves limitações às relações mais básicas, ainda dentro das salas de aula e nos primeiros contatos entre o aluno de medicina e os serviços médicos e de saúde.

Por isso, se aproximar dessa atualidade não se reduz a uma experiência estática de um certo

tempo presente: “Interrogar a atualidade é questioná-la, como acontecimento na forma de uma problematização”. Assim, a saída estratégica é (des)atualizar o presente capturando ações que podem colidir com determinadas experiências – por exemplo, as mais cristalizadas sob o termo “tradição”, comuns em relações hierárquicas entre médicos e alunos, em suas construções identitárias e corporativas – para encontrar, ou ao menos tentar encontrar, um espaço capaz de salvaguardá-lo de uma certa crueza que envolve o processo formador do médico. Nesse sentido, ponderam as autoras: “aprender pela dor e pelo medo ainda aparece como forma válida, de cunho iniciático, que remonta às origens míticas e sagradas da profissão”.

Por essa visão, vamos sentindo a necessidade de uma nova prática educacional, calcada numa concepção crítica e reflexiva, que articule teoria e prática, que preveja a participação ativa do estudante no processo e cultive relações entre sujeitos, e não mais a sujeição hierarquizada e eminentemente técnica. Aprenderemos, de forma bastante esclarecedora, que a humanização da prática médica pela articulação de campos de conhecimento, como o das ciências humanas, exemplarmente, pode se constituir num polo tecnológico e formador de grande valia, ao se aproximar das disciplinas clínicas ministradas em sala de aula e, igualmente, de sua prática – pontos que, se nunca estiveram separados, mostram-se ainda apenas em potência, no sentido de prover uma melhor relação entre aprender fazendo e fazer aprendendo. E talvez seja esse o primeiro grande desafio para o médico e os dilemas que envolvem a sua formação.

Recebido em 30/09/13. Aprovado em 09/10/13.